

APRESENTAÇÃO

A presente edição da RILE reúne especificamente textos sobre a temática ambiental. Todos os textos passaram pelos critérios de excelência e avaliação prevista pelas normas universais de publicação para revistas acadêmicas. Os resumos de alguns desses textos foram apresentados no VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA E MEIO AMBIENTE em 2025. A essencialidade desses artigos ampliados e, desenvolvidos para esta edição, se formaliza como um acervo de extrema importância para o momento político e acadêmico em que estamos vivendo. Debater-se questões ambientais na atualidade ou discutir a sua simbologia, é um traço indelével de algumas das idiossincrasias da sociedade patriarcal contemporânea. A degradação ambiental em nome do lucro, é uma realidade que não se pode negar e que testemunhamos com os nossos próprios olhos. Desse modo, a degradação ambiental não pode ser negada apesar dos violentos esforços promovidos por entidades e sujeitos políticos cujo papel é nos fazer acreditar no simulacro que vem ocupando o lugar da verdade. Porém, só uma possível saída se configura como uma escolha: ou “nos enganamos com o que não é verdade ou não acreditamos o que é verdade”, como relembra a página de abertura de *As obras do Amor* de Kierkegaard. Entre o acreditar e o não acreditar nos deliberados crimes ambientais e suas consequências sociais, fiquemos com o relato científico como produto das experiências vividas e coletadas como parte do convívio da comunidade científica.

Como resultado de um trabalho de campo, o artigo “*Educação Ambiental e Arborização Urbana: Vivências Didáticas para Sensibilização Socioambiental no Semiárido Paraibano*”, narra uma importante estratégia no enfrentamento dos problemas causados pela devastação ambiental. A referida prática se utiliza da correlação entre a

comunidade acadêmica e a escola - duas entidades relevantes no enfrentamento da crise. O artigo *A Ecodistopia Entre o Catastrofismo e o Novo Léxico Emergente no Antropoceno*, mapeia a origem de um léxico que reside entre o agora e o futuro para caracterizar a inevitabilidade trágica das ações humanas sobre a natureza. Como uma definição que se inicia por meio de uma etimologia própria, o termo Antropoceno materializa-se por meio de construções distópicas para a grande maioria dos teóricos do Hemisfério Norte. Porém, essa realidade distópica de um vir -a ser mundo já se formaliza diante dos resultados predominantemente vivenciadas no Hemisfério Sul. As conclusões chegadas pelo autor do artigo, demonstram que o termo “Ecodistopia”, é ainda um termo em construção sem uma definição final que requer uma profunda dissecação por parte dos pesquisadores no Hemisfério Sul. O artigo, *(De) Colonialidade de Gênero e Devastação Ambiental. Iemanjá e a Lógica da Dominação*, explora muito bem a correlação teórica entre a exploração da natureza e a dominação da mulher, aplicada à uma oportuna (re) leitura de um clássico da literatura nacional, *Mar Morto*, de Jorge Amado. As sugestões contidas no referido trabalho, abrem caminho para uma outra correlação conclusiva a ser explorada pelas questões ambientais: a relação simbólica entre a masculinidade como “ideal”, e devastação ambiental.

Estudos realizados sobre Índia em diferentes áreas são bastante relevantes para o Brasil e para a América Latina, apesar de diferentes histórias e culturas. O acervo de publicações na Índia sobre a sua experiência colonial e pós-colonial, sobretudo referente as questões ambientais emprestam as nossas reflexões a formação de curiosos paradigmas. No artigo, “*Da diferenciação econômica à integração ecológica: reflexões literárias e culturais sobre a sustentabilidade indiana*”, a contemporaneidade do pensamento de Mahatma Ghandi aplicada ao contexto atual e a emergência da luta por

um planeta sustentável, é um pleito essencial a sobrevivência do Planeta, debatida no referido artigo. O autor revitaliza as ideias de Amartya Sen em uma dimensão global cujos termos principais são: a pobreza, a fome, a degradação ambiental e o imperialismo. Eles são termos chaves que dialogam entre si e, simbolicamente, podem prover termos chaves para o estudo do ambientalismo no Brasil.

Um dos aspectos essenciais para se entender a questão climática e os seus diferentes agentes, é se compreender os fatores implícitos na elaboração dos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável), endossados pela ONU e, a sua recepção em países do Sul Global. No artigo, *O Sul Global e as Rasuras do Desenvolvimento Sustentável*, eu discuto os objetivos, 1, 8 e 11 do protocolo. Tais objetivos, sintetizam os demais e expressam os profundos desafios suscitados pelos ODS no Sul Global.

O artigo, “*Combustibles fósiles y derechos humanos: a propósito de un informe*” evoca por meio de seu título, aspectos gerais de um dilema que incorpora termos como o “direito ao desenvolvimento”, “uso de combustíveis fósseis” e “educação ambiental” de forma elíptica, sem enumerar propriamente os diversos agentes envolvidos no processo e os seus diferentes interesses. No entanto, cada um desses termos, como é sugerido pelo artigo, guarda peculiaridades irreconciliáveis quando colocadas diante dos demais sujeitos para além das instituições envolvidas, como é o caso da ONU, ao potencial humano que por sua vez, depende da natureza.

A preocupação com a ecologia humana, cultura e memória, é o tema principal do Artigo: “*Espiritualidades en el airo (selva): un territorio insurgente en la nacionalidad siona del Ecuador*”. No referido artigo, a autora retrata a sua experiência antropológica aonde se mesclam o relato acadêmico e o autobiográfico. Nele, a autora revisita a



nacionalidade siona, nativa do Equador e Colômbia. Através do convívio na comunidade, a autora resgata as cosmovisões ancestrais por meio do trabalho artesanal das mulheres enquanto vivência, memória e contribuição social.

Como entes geográficos as ilhas tornaram-se por ocasião das “grandes navegações” postos avançados dos países colonizadores. Imortalizadas pelas literaturas em língua inglesa, as ilhas se tornaram lugares estratégicos a serviço das grandes potências econômicas. Apropriadas e degradadas do ponto de vista ambiental, muitas ilhas se tornaram espaços de vulnerabilidade ecológica. É essa a perspectiva que predomina na discussão do artigo, “*From Dreaming Island to Apocalypse Island*”.